Cavaleiros Além do Sol Nascente

por Robert E. Howard e Lin Carter

- E assim – concluiu Tu, o conselheiro-chefe –, Lala-ah, condessa de Vanara, fugiu com seu amante Felnar, o aventureiro de Farsun. E assim, ela trouxe a vergonha sobre seu futuro esposo, e sobre o próprio trono da Valúsia.

Kull, o rei, que permanecera sentado, escutando, com o punho apoiando-lhe o queixo, soltou um grunhido. Ele havia escutado com pouco interesse, enquanto o velho conselheiro narrava a história da jovem condessa de Vanara e de como ela havia abandonado um nobre da Valúsia, que a esperava para casar-se com ela na própria escadaria de acesso ao Templo de Merama, enquanto ela fugia com seu amante. Kull não entendia por que Tu dava tanta importância a estes fatos um tanto sórdidos, mas no final das contas, habituais.

- Sim, eu compreendo – disse Kull, impaciente –, mas o que eu tenho a ver com as aventuras dessa condessa fugitiva? O que têm a ver com o trono de Valúsia? Não a culpo por ter fugido de Ka-yanna. Por Valka! Ele não é mais que um pobre-diabo feio, e mostra uma conduta tão abominável quanto a dela. Por que importunar meus ouvidos com o relato desta história?

- Não terminaste de entender todas as implicâncias, milorde. – disse o velho conselheiro, com a paciência que se deve ter com um guerreiro bárbaro que se torna um rei – Procedes da distante Atlântida, e ainda não vos familiarizaste com os costumes da grande Valúsia. Permita-me que eu vos explique. Ao abandonar seu prometido no próprio altar onde ia ser celebrado o casamento, Lala-ah cometera a maior das ofensas contra as mais elevadas tradições da Valúsia. Sua ação constitui um insulto para a Valúsia e para o rei da Valúsia. Por isso, a lei real decreta que ela tenha de ser conduzida de volta à Cidade das Maravilhas, para ser submetida a um julgamento. Além disso, ela é uma condessa e não pode casar com nenhum estrangeiro, sem o consentimento do rei, pois também temos uma lei que regula o matrimônio dos nobres. E, neste caso, não deste o vosso consentimento real, que ela sequer vos pediu. A Valúsia se transformará, assim, em objeto de escárnio nos Sete Impérios, se estes virem que permitimos que aventureiros estrangeiros levem nossas mulheres com total impunidade, e se permitirmos que até os valusianos de berço nobre e com títulos transgridam as leis antigas, sem receberem nenhuma punição por isso.

Kull esfregou o queixo e refletiu asperamente sobre as mil e uma tarefas ignóbeis que um rei deveria fazer. Agora, tinha que romper o matrimônio daquela mulher por nenhuma outra razão que a existência de uma lei, escrita desde há muitos anos por algum homem balbuciante de barba cinza, num pergaminho certamente já apodrecido. Uma lei que tinha de obedecer.

- Em nome de Valka. – ele grunhiu, se removendo inquieto sobre o poderoso trono – Vocês, valusianos, fazem muito barulho por estas coisas... os costumes e a tradição. De poucas coisas mais eu ouvi falar, desde que me sentei no trono-topázio. Não me agrada,

Tu! Em minha terra, as mulheres se casam com os homens que seus corações escolhem. Claro que nós somos selvagens...

Tu assentiu com uma sábia expressão.

- De fato, Kull. Mas aqui, nos encontramos num ambiente civilizado, onde todos obedecemos as leis. Em vossa terra de Atlântida, os homens e as mulheres dizem palavrões sem se verem obstruídos por precedentes e pela tradição. Mas aqui, dispomos de uma civilização. E as civilizações não são outra coisa senão tecidos emaranhados, feitos à base de costumes e regulamentos, mediante os quais se impõem limites estritos ao povo, para que todos possamos conviver em paz e segurança.

- Segurança! – grunhiu Kull – Pouco me importa a segurança que precisa se impor através de leis poeirentas. Dêem-me a segurança que pode oferecer um guerreiro forte e bem-treinado, o brio de suas habilidades de combate e a lâmina afiada de sua espada. Essa é a idéia que Kull tem sobre segurança!

- De fato, milorde. – disse Tu, com palavras suaves – Se me permite expressá-lo assim, esse é o conceito próprio de um homem criado na selvageria.

Kull lançou uma gargalhada.

- Quanto mais vejo o que você chama de civilização, melhor é a minha opinião sobre o que você chama de selvageria. Mas, continue, Tu, porque me parece que ainda não terminou de expor sua argumentação.

- Só resta mais um argumento, ó milorde. – continuou Tu – E é o seguinte: a condessa possuía sangue real em suas veias, posto que a mãe dela foi prima de Borna, o rei que tu depuseste para te apoderar do trono da Valúsia. Conseqüentemente, ela possui um certo, ainda que tênue, direito à sucessão do trono, e esse direito pode ser aproveitado por Felnar de Farsun, se ele for ambicioso o bastante para isso, como costumam ser todos de sua ralé. Nos atreveremos... te atreverias a correr o risco de que um rival reclame um direito sobre o trono da Valúsia?

Uma luz feroz cruzou relampejante os olhos felinos de Kull. Isso, sim, era um argumento! Ele havia se apoderado do trono-topázio e tinha toda intenção de conservá-lo. Um grunhido inarticulado surgiu lá do fundo de sua garganta musculosa. Tu, ao observar aqueles sinais que tão bem conhecia, sorriu suavemente em seu íntimo, e acrescentou um toque final à sua argumentação:

- Depois de ver-se abandonado por sua prometida, Ka-yanna saiu a cavalo, acompanhado por um grupo de homens armados. Um deles espera lá fora, portando para ti uma mensagem enviada pelo aventureiro de Farsun. Creio que deverias ouvir o que tenha a dizer-lhe, milorde.

- Neste caso, que entre e fale. – grunhiu Kull.

Tu regressou depois de um instante, seguido por um jovem cavaleiro, cuja bolsa estava manchada pela poeira das estradas. O jovem se inclinou humildemente, como mostra de

obediência, diante do rei-guerreiro da Valúsia. Kull o mirou com uma expressão feroz:

- Como traz notícias desse tal Felnar? Não o atacou, se esteve próximo o bastante para trocar palavras com ele?

- Não, milorde, eu não o vi diretamente. Mas falei com um guarda das fronteiras da Zarfhaana, a quem este Felnar entregou uma mensagem, com o rogo de que a repetiria a qualquer valusiano que aparecesse para persegui-lo. A mensagem é a seguinte: "Diga ao porco bárbaro, que usurpou o trono sagrado da Valúsia, que eu o considero um canalha e um vil usurpador. Diga-lhe que, algum dia, eu e minha esposa, cujo direito ao nome real é muito mais puro que o dele, regressaremos acompanhados por mil espadas para expulsá-lo do alto posto que agora ocupa. Cobrirei o corpo covarde de Kull com roupas de mulher, e o colocarei para cuidar dos cavalos de minha carruagem, que é uma tarefa muito mais adequada para sua baixa condição".

Após aquelas palavras, se fez um tenso silêncio que se estendeu por toda a sala do trono, a ponto de quebrar-se.

Logo, a poderosa corpulência de Kull se ergueu, e seu cetro se espatifou contra as pedras de mármore. Permaneceu um momento sem dizer nada, com o rosto avermelhado pela fúria e os olhos relampejando como tochas flamejantes. Finalmente, encontrou voz para emitir um rugido sem palavras que fez recuarem, cambaleantes, Tu e o jovem cavaleiro que se encontravam diante dele, como fazem os homens ante o rugido do tigre ao qual incomodaram sem perceber.

- Valka! Holgar! Honen e Hotath! – rugiu, com a voz cheia de ódio, misturando os nomes das divindades, dos ídolos pagãos e dos demônios, numa blasfema proximidade que causou um estremecimento em Tu.

O rei brandiu seus braços poderosos, e seu punho de ferro desceu sobre a mesa, num golpe de tamanha força que até as pesadas pernas se dobraram como papel. Tu recuou, encolhido, em direção à parede, enquanto o jovem cavaleiro, tão pálido quanto o leite, cambaleou para trás, em direção à porta. Havia ousado demais, ao comunicar a Kull a mensagem insultuosa do farsuniano, e agora temia por sua vida. Mas Kull era selvagem demais para identificar o insulto com quem o transmite, já que somente o monarca civilizado descarrega sua vingança sobre o mensageiro por comunicar um insulto de seu amo.

Kull arrancou as roupas incrustadas de pedras preciosas e atirou-as através da sala. A elas seguiu-se a coroa, que se chocou contra a parede mais afastada, desprendendo suas resplandecentes opalas devido à fúria do gesto. Pegou então a grande espada e prendeu-a no cinto ao redor de seu torso nu.

- Cavalos! Chamem os Matadores Vermelhos, e ordenem que eles montem e cavalguem! Onde está Brule, o picto? Movam-se de uma vez, seus lerdos boquiabertos e tontos...!

Tu saiu voando do salão do trono, com a túnica lhe ondulando ao redor das pernas ossudas, empurrando à sua frente o pálido cavaleiro.

- Toquem as trombetas de guerra! Rápido! Digam a Brule, o lanceiro, que compareça imediatamente perante o rei, antes que ele mate a todos!

Quatrocentos guerreiros, vestidos dos pés à cabeça com adornos de cor escarlate, permaneciam montados em seus cavalos na ampla praça situada diante do palácio dos reis, quando Kull saiu do edifício e caminhou em direção a eles, a passos largos. As espadas bateram contra os escudos, e os cavalos se ergueram sobre as patas traseiras quando os Matadores Vermelhos ofereceram ao rei a saudação dada à coroa. Os olhos penetrantes de Kull percorreram com orgulho e ferocidade as fileiras de seus homens, devolvendo-lhes a saudação.

Eram os soldados mais terríveis da Terra, a cavalaria de Kull, escolhida pelo próprio rei entre os guerreiros das montanhas da Valúsia, os combatentes mais fortes e vigorosos de uma raça que havia degenerado. Aqui também estavam os pictos, selvagens ágeis e nus, homens da tribo heróica de Brule, que permaneciam sobre suas montarias como centauros, e que eram capazes de lutar como demônios dos poços escarlates do inferno.

Kull avançou em direção a seu grande cavalo de guerra, pegou a fera meio domada e obrigou-a a ficar de joelhos, numa demonstração de força que deixou respeitosamente boquiabertos até os mais fortes de seus guerreiros. Logo, saltou sobre a sela, apetrechado com todas as suas armas, e fez o resfolegante cavalo se levantar, com um poderoso puxão das rédeas. Brule, o chefe dos mais formidáveis aliados da Valúsia e amigo pessoal de Kull, pôs-se ao lado de seu monarca, acompanhado por Kelkor, o segundo-em-comando dos Matadores Vermelhos.

- Para onde cavalgamos, milorde?

- Por Valka, que cavalgaremos duro e para longe! Iremos primeiro à Zarfhaana, e logo mais além, para as terras das neves, dos desertos ardentes, ou até a garganta escarlate do próprio inferno, não o sei!

O primeiro acesso de fúria ardente de Kull havia se esfriado e endurecido, para transformar-se numa fria raiva de aço. Num impassível rosto de bronze, seus olhos relampejavam como o aço nu da espada. Brule o olhou com uma careta lupina.

- O que vamos procurar ali? – ele perguntou.

- O rastro de Felnar, um aventureiro de Farsun que se escondeu, levando consigo uma mulher valusiana. Seguiremos o rastro daquele velhaco farsuniano até seu esconderijo, e reduziremos a metade da terra a pó, se necessário, para encontrá-lo.

Tu, que ainda tremia de medo, seguira Kull até a praça.

- Oh, milorde! – ele se aventurou a exclamar com voz trêmula – Isto não é prudente. O imperador da Zarfhaana nunca permitirá que uma força assim atravesse a cavalo o seu reino. Esquece as fúteis ameaças desse fanfarrão ladrão de noivas...

Kull o atravessou com um olhar feroz.

- Não foi você o primeiro que me urgiu a procurá-lo? Pois agora cale a boca! Tu, eu deixo a Valúsia em suas mãos até o meu regresso. E só voltarei quando houver cruzado espadas com aquele farsuniano, ou não regressarei jamais. Quanto aos zarfhaanos, se nos proibirem o caminho, cavalgarei sobre os restos de suas cidades destruídas. – foi a dura resposta de Kull – Na Atlântida, os homens vingam os insultos. E, embora eu já tenha deixado de ser um atlante, por Valka, continuo sendo um homem!

Ele dirigiu um gesto feroz a seus homens, indicando-lhes que marchassem para o leste. Kelkor gritou uma ordem, e levantaram-se as trombetas, que brilharam sob o sol e soaram com um estrondo metálico. Os Matadores Vermelhos se puseram em movimento, avançaram como uma maré de aço e rubro pelas largas avenidas, e saíram da magnífica cidade.

As pessoas olharam com curiosidade, das sacadas, telhados e janelas, para contemplarem a poderosa cavalaria que passava estrondosamente para fazer guerra. Observaram os cavalos de cor amarela brilhante, que agitavam suas crinas sedosas e ondulantes; ouviram o som dos cascos de prata que repicavam sobre o chão de pedra, como uma horda de ferreiros fantasmagóricos; viram os estandartes e bandeiras ondulando ao vento, amarrados às portas das lanças. O sol brilhou sobre as armaduras de bronze dos guerreiros. As capas flutuavam ao vento, como bandeiras escarlates. O vigoroso desfile de homens armados desceu pela avenida, saiu da cidade pelo grande portal oriental, e sumiu de vista.

E, pouco a pouco, o povo da cidade abandonou seus postos de observação e voltou a se concentrar em suas pequenas tarefas cotidianas, como sempre faz o povo, sejam quais forem as portentosas façanhas que realizem os reis e os guerreiros.

A noite os encontrou acampados nas encostas das montanhas, além da Valúsia. Os povos das montanhas compareceram para lhes oferecer comida e vinho. Agora que já haviam deixado bem para trás a Cidade das Maravilhas, os orgulhosos guerreiros deixaram de lado os obstáculos que experimentavam quando se encontravam em qualquer cidade do mundo, e conversaram livremente com os montanheses, muitos dos quais eram seus parentes. Entoaram velhas canções com eles, em frente às fogueiras do acampamento, e repetiram as velhas brincadeiras.

Kull, com o semblante carrancudo, passeava à parte, além do brilho das fogueiras, sob os céus salpicados de estrelas, enquanto contemplava o místico cenário das escarpas nuas e o vale florido. As duras linhas das encostas se viam suavizadas pela folhagem e pelos pastos verdes, e os profundos vales pareciam poços tenebrosos sob a luz das estrelas, esferas de sombras cheias de uma antiga magia e mistério. Mas a cadeia de montanhas se elevava, nítida e clara, sob a lua prateada.

Estas montanhas de Zalgara sempre exerceram um grande fascínio sobre Kull. Faziam-no lembrar as alturas nevadas da Atlântida, as quais escalara quando era garoto, antes de abandoná-las para sair à grande luz do sol do mundo, para gravar seu nome nas estrelas e ocupar o antigo trono.

No entanto, estas montanhas eram diferentes. As escarpas da Atlântida se elevavam duras e austeras, brutais e terríveis com sua juventude, como o próprio Kull. A idade ainda não havia suavizado as bordas afiadas de sua fortaleza: as estrelas pareciam estar empaladas sobre seus picos, afiados como presas.

As montanhas de Zalgara, por sua vez, eram mais antigas, mais arredondadas. Se elevavam ao céu como deuses alados. Grandes árvores e arvoredos enchiam risonhamente seus ombros. Suas ladeiras angulosas se viam cobertas por extensões de capim e prados verdes, que pareciam de veludo, como vestimentas espessas. Tudo era velho, muito velho, pensou Kull. A passagem de mais de um século havia terminado por gastar o esplendor dos cumes afiados do passado, e agora apareciam, suavizados e belos pela idade, como se sonhassem com velhos tempos e com antigos reis, cujos pés haviam pisado sua grama.

A lembrança do insulto daquele fanfarrão voltou a se apoderar dele, como uma onda vermelha, afastando seus pensamentos melancólicos e voltando a acender a fúria com a recordação. Kull lançou para trás os ombros largos e observou o olho sereno da lua.

- Que Valka e Hotath condenem meu espírito ao fogo eterno, se eu não conseguir descarregar minha vingança sobre esse farsuniano! – rugiu.

E o vento da noite sussurrou entre as árvores, como se zombasse de seu juramento.

A aurora escarlate pareceu explodir como um incêndio sobre as montanhas de Zalgara, quando Kull já estava sobre seu cavalo, à frente de sua cavalaria. As faíscas do amanhecer brilhavam nas pontas das lanças, dos capacetes e escudos, à medida que a coluna dos Matadores Vermelhos se deslocava como uma serpente escarlate de aço entre os vales verdes e as ondulantes colinas, cobertas pelas pérolas do orvalho.

- Cavalgamos para o sol nascente. – comentou Kelkor.

- De fato – assentiu Brule, encolhendo os ombros –, e alguns de nós cavalgarão mais além.

Agora, foi Kelkor que deu de ombros.

- O que tiver que ser, será. Esse é o destino do guerreiro.

Kull observou tudo isto sob a máscara de bronze que era seu rosto, na qual somente os olhos pareciam ter vida. Olhou pensativamente para Kelkor. O costume decretava que o comandante da tropa fosse de sangue valusiano, e Kelkor... era lemuriano. Sua destreza na guerra, sua valentia em combate e sua sabedoria no conselho haviam destacado este guerreiro dentre as fileiras desconhecidas de mercenários, até ocupar o segundo posto no comando das tropas da Valúsia. Apenas esse detalhe de nascença lhe impedia de alcançar o mais alto cargo.

Reto como uma lança, Kelkor cavalgava com porte inflexível, tão erguido quanto uma estátua de aço. Homem de ânimo feroz, que se via possuído por uma grande fúria quando enfrentava o inimigo, Kelkor demonstrava uma fria serenidade em outras

ocasiões. O controle absoluto que exercia sobre si mesmo o apontava como alguém nascido para mandar nos demais. Kull amaldiçoou mais uma vez esta cega aceitação aos costumes reais que governavam a Valúsia com um poder que ultrapassava até a vontade do próprio rei.

O amanhecer do dia seguinte lhes surpreendeu quando desciam pelas encostas das montanhas, em direção ao mistério amarelado do deserto de Camoonia. Durante o resto do dia, cavalgaram através daquela terrível e vasta extensão de matizes cor de açafrão, onde não crescia uma só árvore, arbusto ou folha de capim, e onde não se via mais que as eternas e ondulantes areias amareladas, que subiam e desciam nas dunas.

Ao meio-dia, quando o sol estava no alto, acamparam brevemente para se protegerem de sua firmeza. O calor era insuportável, e caía ardente da cuia de latão na qual o céu parecia ter se transformado. Continuaram a marcha através de ondas dilacerantes de luz. Nem uma só gota de água umedecia a solidão salina. Nenhuma ave esvoaçava sob as ardentes abóbadas do céu. Nenhum som interrompia o gemido do vento sempre quente, exceto o rangido dos couros, o entrechocar dos aços, o rumor da areia ao ser deslocada pelos cascos dos cavalos, que avançavam fatigados. Até o próprio Brule parecia se debilitar sob aquele calor ígneo: desatou a própria couraça de proteção e pendurou-a num dos cavalos de transporte de carga. Kelkor, no entanto, continuou impassível o seu avanço, erguido sob o fardo da armadura completa, aparentemente incólume sob o calor ardente do dia. Nem sequer uma pequena gota de suor umedecia seu rosto inquebrável.

- É como o aço mais puro. – murmurou Kull, admirado.

Ele próprio entregue ao ódio cego, invejava o controle férreo que o lemuriano tinha sobre si mesmo.

Dois dias de uma viagem exaustiva e chamuscante lhes permitiu sair das areias de Camoonia e chagar às baixas colinas verdes que marcavam os limites da Zarfhaana. Aqui, pararam diante de dois guardas zarfhaanos, e Kull tomou a frente para conversar com estes sentinelas.

- Sou Kull, rei da Valúsia. – ele disse bruscamente – Seguimos o rastro de Felnar, um seqüestrador de mulheres. Não tentem me deter nem me impedir. Eu serei responsável ante o imperador de vocês.

Os dois sentinelas viraram-se para um lado, e saudaram a tropa armada. Uma vez que esta desapareceu à distância, um deles se virou para o outro com uma careta zombeteira.

- Ganhei a aposta! O próprio rei da Valúsia segue o rastro de Felnar.

- É. – assentiu o outro – Estes bárbaros são muitos agitados em questões de honra, sempre ávidos por vingarem suas ofensas. Por todos os deuses, se ele fosse um verdadeiro valusiano, você perderia a aposta.

O retumbar das montarias dos cavaleiros de Kull arrancou ecos nos vales da Zarfhaana. Pararam para enviar uma mensagem ao imperador zarfhaano e lhe assegurar seus

propósitos pacíficos, e foi aqui onde alcançaram Ka-yanna, o vingativo noivo traído. Enquanto pararam brevemente para conferenciar, se espalhou por todos os lugares a notícia de que o rei da Valúsia cavalgava em direção ao sol nascente. Os pacíficos habitantes das aldeias compareceram ruidosamente para verem os poderosos valusianos.

- Então, segundo os seus informes, o seqüestrador leva muitos dias de vantagem. – sussurrou Kull, com expressão carrancuda – Temos que seguir seu rastro de perto. Não vale a pena interrogar estes camponeses, pois Felnar deve tê-los subornado com muito ouro para que nos dêem pistas falsas e mintam pra nós.

Ka-yanna torceu seus lábios delgados num sorriso malicioso.

- Permita-me que eu os interrogue, milorde. Arrancarei-lhes a verdade do mesmo modo que se tira a água de um pano retorcido.

Kull nem sequer se deu ao trabalho de esconder o desprezo:

- Através de tortura? Nós mantemos relações amistosas com os zarfhaanos. Seu senhor nos permite a passagem pacífica por seus domínios; seria demais fazê-lo engolir a tortura de seus camponeses.

- Que importa ao imperador uns poucos aldeões maltratados?

Kull afastou-o para um lado, impaciente.

- Já basta. Kelkor... vamos ver esse mapa.

Eles se inclinaram sobre o pergaminho onde aquelas terras apareciam, desenhadas com tintas de cor azul, rubra e verde.

- Não é muito provável que tenha se aventurado na direção norte – refletiu Kull em voz baixa –, já que, nessa direção e além da Zarfhaana, só existe o mar, infestado de piratas.

- Tampouco para o sul – observou Kelkor, com firmeza –, porque ali se encontra Thurania, inimiga hereditária de sua nação.

- Na minha opinião – disse Brule, após refletir por um momento –, ele continuará indo para o leste, tal e qual vem fazendo até agora. Isso significa que cruzará a fronteira oriental da Zarfhaana em algum ponto próximo à cidade fronteiriça de Talúnia, para entrar nas áreas desérticas de Grondar. Então, ele provavelmente se dirigirá para o sul, em busca de um caminho aberto que lhe conduza a seu próprio país, Farsun, que se encontra a oeste da Valúsia. Ele abrirá caminho através dos pequenos principados, situados ao sul de Thurania. Não poderá ir a nenhuma outra parte.

- De fato. – assentiu Kull, mostrando-se de acordo – Mas há algo estranho nisso. Se seu objetivo consistiu, desde o início, em chegar a Farsun, por que se dirigir para o leste, na direção oposta?

- Provavelmente, senhor, porque nestes tempos incertos todas as fronteiras da Valúsia se encontram fechadas, com exceção da oriental. Ele jamais conseguiria cruzar os

caminhos estreitamente vigiados, sem dispor de um salvo-conduto do rei. E muito menos conseguiria fazer a condessa passar para o outro lado das fronteiras.

Assim, continuaram cavalgando para o leste durante longos e cansativos dias. O povo afável do campo festejava sua chegada a cada vez que paravam, oferecendo-lhes grande quantidade de comida zarfhaana, e recusando o pagamento que era oferecido por eles. Era um território suave e frágil, pensou Kull, tão impotente quanto uma garota de olhos arregalados, a contemplar a chegada de um conquistador impiedoso.

Os cascos dos cavalos arrancavam uma música de aço, que se estendia sobre os vales fantásticos e bosques verdejantes. Kull conduzia duramente os Matadores Vermelhos, e mal lhes oferecia um mínimo de descanso merecido. Pois bem à sua frente, como um fantasma zombeteiro, esvoaçava o rosto de Felnar. O coração de Kull ardia com prazer férreo ao vermelho da vingança, com o ódio implacável do selvagem, ante o qual cedem todos os demais desejos.

Ao amanhecer, chegaram à cidade fronteiriça de Talúnia. A tropa acampou à margem do bosque, e Kull entrou na cidade, acompanhado apenas por Brule. As portas se abriram à visão da insígnia real da Valúsia e o símbolo da passagem livre, enviado pelo próprio imperador da Zarfhaana, composto por um selo dourado no qual se via um grifo de aspecto feroz, com um leão em seu bico ganchudo.

- Te saúdo. – disse Kull ao comandante da guarda dos portões de Talúnia – Estão na cidade, um tal Felnar de Farsun, e Lala-ah da Valúsia? Devem ter chegado do oeste, há uns três dias.

O comandante assentiu com um gesto.

- Sim. Entraram na cidade, faz alguns dias, por esta mesma porta, mas não sei te dizer se abandonaram a cidade ou não.

Kull depositou em sua mão um bracelete de pedras preciosas, tirado do próprio antebraço.

- Escute-me, então, e preste atenção ao que lhe digo: não sou mais que um nobre valusiano errante, acompanhado por um escravo picto. Ninguém precisa saber mais que isso, entendido?

O militar olhou avidamente o valioso bracelete e o guardou.
- Sem dúvida, milorde. Mas, o que dizer de vossos guerreiros, acampados junto ao bosque?

- O acampamento não pode ser visto da cidade, posto que um braço do bosque se interpõe. Esse bracelete também pagará seu desconhecimento sobre a presença de minha tropa armada, de acordo?

- Em nome de Valka! Sou um soldado da Zarfhaana, milorde. Como posso ser tão falso diante do meu imperador e seu vice-rei, que governa a cidade, e fingir ignorância ante a presença de um exército estrangeiro? Não creio que tenhas alguma traição planejada, mas ainda assim...

Nos olhos de Kull apareceu uma labareda cinza:

- O próprio sigilo do imperador lhe obriga a obedecer. Mantenha a boca fechada, e tudo sairá bem. Procuro somente um traidor da Valúsia, e não pretendo fazer mal algum à Zarfhaana.

De má vontade, o comandante do portão obedeceu, e Kull e seu camarada picto entraram na cidade. Já se via uma grande agitação no bazar, apesar dos brilhantes estandartes do amanhecer ainda não terem se estendido pelo céu. A estatura gigantesca de Kull e a nudez bronzeada de Brule atraíram os olhares dos curiosos, mas aquela era uma reação muito natural. Kull havia jogado uma capa poeirenta sobre sua armadura real, e confiava desse modo em não despertar comentários indevidos.

Encontraram uma pequena taberna e se sentaram diante de uma mesa, comodamente instalados no local de teto baixo, para beberem cerveja diante da lareira acesa, atentos para ver se conseguiam tomar conhecimento de alguma notícia sobre o que andavam procurando. Kull já estivera na sociedade civilizada por tempo suficiente para saber que se pode conseguir mais informação numa taberna do que na câmara do espião-chefe de um rei.

Beberam e convidaram outros para um trago de vinho, e assim transcorreu o longo dia, mas não chegou a seus ouvidos uma só palavra sobre o casal de fugitivos, apesar de todas as perguntas que fizeram. Se Felnar de Farsun e a condessa de Vanara ainda estavam na cidade, sem dúvida esconderam muito bem sua presença. Kull pensava que a presença elegante do farsuniano, e de uma formosa herdeira de sangue real, fosse suficiente para desatar as línguas de um extremo a outro da cidade, mas esse não foi o caso. Estaria, então, equivocado em suas conjecturas? Havia o casal continuado sua fuga, ao invés de permanecer ali para descansar?

A noite já caía, envolvendo as ruas em cores púrpuras, quando Brule e seu senhor abandonaram a taberna para buscarem a informação nas ruas. As vias estreitas da velha cidade surgiam, abarrotadas por uma multidão de farristas noturnos. As tochas e as lanternas brilhavam, resistindo aos fortes sopros do vento noturno.

De repente, Brule segurou um braço de Kull com a mão dura e apontou, com um gesto, para a esquerda, onde se abria a boca escura de um beco. Dentro deste, estava de pé uma figura encolhida, que lhes acenava com uma mão semelhante a uma garra. Após trocarem um rápido olhar e puxarem as adagas de suas bainhas, eles se dirigiram para o escuro beco.

Tratava-se de uma velha enrugada, de olhos remelentos, encurvada pela idade e envolta num manto usado e sujo, que lhe caía dos ombros inclinados.

- Kull... Kull... o que procura nas ruas tortuosas de Talúnia? – ela perguntou, com uma voz sussurrante e aguda.

Os dedos de Kull se fecharam com força sobre o cabo de sua adaga.

- Como você sabe meu nome? – ele perguntou.

A anciã soltou uma risada aguda.

- No mercado, há muitos olhos que vêem e muitas línguas que sussurram, e embora eu seja velha, tenho bons ouvidos.

Brule lançou uma praga mal-contida e segurou a velha pelo braço.

- Você também tem um pescoço que pode ser fatiado, a menos que nos diga o que queremos saber, velha bruxa.

A anciã não prestou a menor atenção às ameaças. Seus pequenos olhos remelentos miraram-lhe astutamente das sombras escuras.

- Está bem, Kull, posso levá-lo a quem procuras, mas... você tem ouro?

- O suficiente para que você leve uma vida cheia de conforto. – respondeu o rei.

- Bom! Isso é muito bom! Já é duro demais ser velha e, ainda por cima, pobre. Me escute bem. Os dois que você procura sabem que estás rondando por aqui. Neste momento, eles se preparam para fugir quando estiver bem escuro. Estão escondidos numa certa casa, e logo, bem logo, eles irão embora...

- Como? – perguntou Brule, desconfiado – Os portões de Talúnia fecham ao pôr-do-sol!

- Sim, de fato, mas uns cavalos os esperam, próximos a um poste no portão leste. A guarda foi subornada... Ah, o jovem Felnar conta com muitos amigos na cidade de Talúnia.

- Onde fica essa casa? – quis saber Kull.

A anciã estendeu a mão suja em direção a ele.

- Me dê uma prova de vossa boa vontade, senhor. Deixa-me ver a cor de vosso ouro.

Kull colocou-lhe um disco grosso de ouro na mão nodosa. A anciã o aproximou dos olhos, o mordeu e pareceu sentir-se satisfeita. Pôs-se a rir agudamente e se deslocou para trás e para a frente, numa grotesca paródia de reverência:

- Por aqui. Siga-me por aqui...

Ela caminhou mancando pelo beco escuro, seguida de perto por Kull e o picto, que avançavam com ar carrancudo, bastante conscientes de que a mais vil das traições poderia esperá-los, oculta naquelas guaridas e subterfúgios. Seguiram sua figura inclinada, que se deslocava arrastando os pés, e passaram de uma ruela poeirenta a outra, por mendigos pidões e queixosos, que miravam suas figuras robustas e lhes dirigiam sorrisos afetados.

Finalmente, pararam na área mais pobre da cidade, diante de uma enorme casa escura, com as janelas fechadas e fantasmagóricas paredes negras. A velha lhes sussurrou, com

um hálito fétido de sua respiração, que Felnar e a condessa haviam se hospedado num quarto no alto da escada. Kull assentiu com um gesto áspero, enquanto os pensamentos cruzavam aceleradamente por seu cérebro.

- Brule, siga esta mulher até o lugar onde os cavalos aguardam. Conheço o local; eu o vi quando reconhecemos as muralhas. Entrarei lá.

- Mas Kull – contestou Brule –, você não pode entrar só naquele lugar escuro! Pense bem, pode ser uma emboscada.

- Faça o que eu disse, e me aguarde sem perder os cavalos de vista. Me encontrarei com você lá. Felnar pode escapar de mim. Você ficará vigiando para capturá-lo, se ele aparecer antes que eu o encontre.

- E meu ouro? Onde está meu ouro? – choramingou a velha.

Kull a olhou com ferocidade.

- Você o receberá quando eu estiver certo de que me levou ao esconderijo de Felnar. E agora, vá com Brule.

Enquanto eles se fundiam com as sombras, Kull entrou na casa negra, tentando enxergar na escuridão com seus lupinos olhos cinzas e perceber o menor rastro de luz. Com a adaga pronta na mão, ele subiu cuidadosamente pela rangente e velha escada. Apesar do seu corpo avantajado, Kull se moveu tão rápida e silenciosamente quanto um leopardo caçando, um truque aprendido nos tempos de garoto, quando caçava nas florestas da Atlântida.

Mesmo que o vigia, que se sentava no patamar da escada, estivesse acordado, dificilmente ouviria Kull se aproximar. Da forma como as coisas ocorreram, ele só despertou quando uma mão de ferro se fechou sobre sua boca, para cair imediatamente num sono muito mais profundo, depois que o pesado cabo da adaga se espatifou contra sua têmpora.

Kull se inclinou por um instante sobre o inconsciente vigia, com o ouvido atento, tentando perceber o mais leve movimento no silêncio. Um silêncio que parecia dominá-lo totalmente. Se aproximou da porta do quarto que a velha havia lhe indicado. Havia alguém lá dentro! Aos seus ouvidos tensos, chegou um sussurro de poucas palavras e o ranger das tábuas do chão.

Então, com um rápido salto felino, Kull derrubou a porta num só empurrão e se encontrou dentro da câmara que havia do outro lado. Só parou por um instante, para verificar rapidamente as possibilidades. Pouco lhe importava se houvesse um punhado de assassinos armados lhe esperando.

A sala estava tão escura quanto um poço, exceto pelo risco prateado da lua sobre o chão e pela janela aberta. Duas figuras negras se destacavam sobre o retângulo branco da janela. Se preparavam para fugir! Sob o frio resplendor da lua prateada, ele captou a visão fugaz de dois olhos negros no belo rosto de uma mulher, e o rosto sorridente de um homem obscuramente atraente.

Um rugido de fúria bestial escapou de seus lábios, ao mesmo tempo em que cruzava, num só pulo, a sala vazia e chegava diante da janela, onde só encontrou a corda pela qual aqueles dois haviam descido.

Uma vez chegando ao beco situado atrás da casa, ainda pôde ver as duas figuras se confundirem com as sombras do labirinto de ruelas. Pôs-se a correr atrás deles, mas, ao passar da brilhante luz da lua à mais penetrante escuridão, confundiu a visão, e uma risada zombeteira ficou flutuando no ar e chegou até ele, enquanto outra gargalhada, esta a plenos pulmões, parecia expressar a diversão de um homem. Não perdeu tempo seguindo-lhes a pista através do labirinto de vielas, mas correu diretamente para a porta onde os cavalos deviam estar esperando-os.

E, de fato, encontrou os cavalos ali, e também Brule e a velha, mas nem o menor rastro dos fugitivos zombeteiros. Kull praguejou como um louco. Felnar, aquele cão traiçoeiro que se movia furtivamente, soubera enganá-lo. O casal havia fugido por outro caminho. Nesse caso, talvez ainda pudesse capturá-los.

- Rápido! – ele exclamou, montando de um salto um dos cavalos de Felnar – Vá ao acampamento e alerte os Matadores Vermelhos. Eu seguirei o rastro de Felnar! Siga-me depois, com todos os homens!

E, após lançar uma volumosa bolsa para a velha, ele se perdeu a galope, envolto pelas sombras da noite.

Kull cavalgou durante toda a noite como um demônio, esforçando-se para encurtar os preciosos momentos que Felnar e a condessa lhe haviam ganhado. Seu rastro conduzia para o leste, em direção a Grondar, como Brule havia previsto. Ele se mantinha bem inclinado sobre o pescoço do animal, cujas crinas ao vento lhe açoitavam o rosto, e fincava-lhe a espora nos flancos. Para o leste, para Grondar, o Reino das Sombras!

As estrelas começaram a empalidecer no horizonte, e o amanhecer surgiu pelos céus orientais, quando o ofegante corcel de Kull subiu as bases das montanhas do leste e parou ao chegar no alto, onde a grande passagem fendia as montanhas como uma gigantesca rachadura, como o corte feito por uma magnífica cimitarra dos deuses. O farsuniano e a mulher tinham que ter seguido este caminho, pois não havia outra passagem que atravessasse esta muralha de escarpas, a qual se estendia ao longo de mil milhas, formando assim uma fronteira natural entre Zarfhaana e Grondar. Ele obrigou seu fatigado cavalo a se dirigir à parte mais alta da passagem e ficou descansando ali, com as mãos apoiadas sobre a sela, observando o horizonte.

Lá estava Grondar, uma extensão envolta num crepúsculo púrpura, à espera do amanhecer que já brilhava no horizonte. Formava o reino mais oriental dos Sete Impérios, a última fortaleza da humanidade, e mais além não havia nada, exceto o mais vazio dos desertos, que se estendia em direção aos próprios confins do mundo. Certamente, ele logo se defrontaria com o farsuniano, espada contra espada! Porque Felnar não podia continuar cavalgando muito mais para o leste.

Mais além da inclinação, lá embaixo, Kull vigiava o caminho. As escarpas eram delimitadas pela vasta planície, formada por milhas e milhas de terrível savana, onde o capim curto era soprado pelo vento. E lá... aquele ponto que se afastava pelo caminho... Felnar!

Ele se lançou para a frente, descendo para a passagem, por entre os rochedos, dirigindo-se para as enevoadas planícies de Grondar. Não havia tempo a perder, ele não podia esperar que lhe alcançassem Brule, Kelkor e os Matadores vermelhos. Os dois que procurava só lhe levavam uma ligeira vantagem. Certo que seu cavalo estava cansado, mas o de Felnar devia estar tão fatigado quanto o seu, ou muito mais, pois carregava um duplo fardo.

A passagem estava protegida por uma solitária torre de vigilância, na qual dois zharfhaanos montavam guarda. Eles o saudaram e gritaram, enquanto ele passava a cavalo, mas ele não se incomodou em responder, e os dois homens não o seguiram. Eles saíram da torre, com expressões sonolentas, e ficaram olhando-o se afastar pelo caminho branco, deixando uma pequena nuvem de poeira atrás dos cascos do cavalo. O sol apareceu sobre o horizonte misterioso, vindo do leste mais distante, como uma bola de fogo vermelho. A neblina que cobria o terreno de capim parecia captar aquele fogo, e adquiriu uma tonalidade escarlate, sobre a qual Kull cavalgou, como uma figura negra, cavaleiro e cavalo misturados num só, como uma estátua de basalto negro, a contrastar com as portas do amanhecer.

- Lá vai outro. – comentou laconicamente um dos guardas.

- Sim. – assentiu suavemente seu companheiro.

- Cavalga para o sol nascente. Estúpido!

- Sim. – repetiu o outro, rindo baixinho.

- Cavalgam para o sol nascente, e quem alguma vez regressou de lá? Em todos os anos que levamos aqui, de vigilância, quem voltou?

- Ninguém.

Brule e a tropa de homens armados alcançaram Kull na metade da manhã. Ele havia parado e estava de pé, esperando-os, com uma expressão carrancuda no rosto, coberto dos pés à cabeça pela poeira da estrada, junto ao cadáver do cavalo.

- Estive a ponto de alcançá-lo. – grunhiu Kull, ao mesmo tempo em que montava um dos cavalos dos Matadores Vermelhos – Mas ele se virou na sela e disparou uma flecha, que alcançou o cavalo. Maldita sorte! Mas ele continua avançando para o leste, sempre para o leste.

Os homens continuaram seu avanço através da planície ondulante de capim. Se estenderam numa ampla vanguarda, com o olhar atento para descobrir qualquer sinal que lhes indicasse a presença dos dois que eles perseguiam. Agora, Kull suspeitava que

Felnar e a condessa tentariam desviar-se a qualquer momento para o sul, pois ninguém poderia querer continuar penetrando mais profundamente em Grondar, o Reino das Sombras, coberto de lendas. Assim, cavalgaram em formação aberta, enquanto os pictos de Brule se estendiam amplamente, como lobos ao ar livre, para o norte e o sul.

Mas as pegadas do cavalo de Felnar continuavam avançando para o leste, e se dirigiam direto ao sol nascente.

Começaram a se sentir inquietos naquele terreno misterioso. Os homens sussurravam entre si estranhos rumores sobre Grondar, na extremidade do mundo. Os viajantes nunca chegaram até aqui, pois Grondar era um território misterioso e os homens que o habitavam, se é que eram realmente homens e não formas obscuras disfarçadas de homens, tinham muito pouco ou nada a ver com as terras ocidentais. Kull nem sequer se incomodou em mandar uma mensagem ao rei de Grondar para solicitar livre passagem, como havia feito na Zarfhaana, pois corria o vago rumor de que Grondar não tinha rei, mas, segundo diziam, era governada por feiticeiros, enquanto outros asseguravam que eram demônios que governavam ali. Qualquer território que se encontrasse tão perto do fim do mundo, poderia muito bem ser governado por coisas que vivessem... além.

Cavalgaram sem descanso nem pausa durante toda a manhã, até que os cavalos ficaram exaustos. Seus pesados flancos estavam cobertos de suor, e a espuma brotava de suas mandíbulas, enquanto os olhos giravam em branco nas suas órbitas. Mas eram cavalos de guerra da Valúsia, descendentes de linhagens nobres que haviam sido criados e cruzados durante mil anos, e continuaram a marcha.

Para Kull, começava a ser um verdadeiro mistério compreender como Felnar conseguia manter sua estreita vantagem, montado como ia num só cavalo. Começou a suspeitar de coisas estranhas, coisas obscuras. Talvez este misterioso território de Grondar estivesse lhe afetando os nervos, já bastante tensos, e toda esta desolação fantasmagórica e infinita lançasse um feitiço sobre sua mente. Mas o certo foi que ele começou a suspeitar de um ato de bruxaria.

Foram vistos ao meio-dia do segundo dia. Formavam uma faixa escura de homens, montados em pôneis negros e esqueléticos. Permaneciam em silêncio mortal, como que esperando a aproximação dos valusianos. Kull gritou ordens tensas a seus homens cansados, exigindo-lhes cautela e coragem.

Cavalgaram para o local onde os grondarianos esperavam, com Kull à frente, e Kelkor e Brule a cada lado. Logo fez sinal a seus homens para que parassem, e os três se afastaram do grupo, dirigindo-se para a linha que os grondarianos formavam. Kull os examinou com os olhos semicerrados. Eram homens estranhos e silenciosos, que formavam uma tropa de uns quatrocentos, de aspecto guerreiro a julgar pela aparência, com rostos morenos e magros, e negros cabelos emaranhados que oscilavam ao vento. Homens silenciosos e ferozes, ágeis e duros, grosseiramente vestidos em brilhante couro negro, com espadas reluzentes que emitiam faíscas sob a luz alta, a ponto de ferirem a vista, só de olhá-las. Homens escuros e silenciosos, de olhos amarelos e escudos de pele de búfalo, onde haviam, pintados, toscos símbolos de terríveis rostos, demoníacos e

monstruosos como nenhum dos que ouviram falar, nem sequer nas fábulas mais cruéis, ou nos mitos mais obscuros transmitidos em voz baixa.

O chefe daqueles homens era um ancião; os anos pesavam muito sobre ele, e a barba e cabeleira sopradas pelo vento eram cinzas como pedra desgastada pelo passar do tempo.

- Estrangeiros, o que fazem nestas terras? – ele perguntou, num tom de voz baixo e pesado, como uma tormenta distante percebida num dia caloroso.

- Perseguimos fugitivos da justiça, que saíram de nossa nação. – respondeu Kull, com um tom de voz uniforme.

Os olhos frios e amarelos do ancião miraram-no com uma estranha expressão de zombaria.

- Justiça? Você fala de justiça, estrangeiro? Já ouvi falar nessa palavra antes, mas aqui, em Grondar, nos confins do mundo, falamos pouco de justiça. Preferimos falar da vontade dos deuses, ou dos demônios das trevas, seja qual for a mais forte.

- Que seja – assentiu Kull, com uma voz sem nenhuma inflexão –, mas queremos continuar nosso caminho. Não temos nenhuma disputa contra Grondar ou seus deuses. Só estamos em busca dos dois que seguem cavalgando para o leste.

Os olhos amarelos do ancião chamejaram em seu rosto desgastado e inquebrável.

- Você disse, para o leste, estrangeiro? Você cavalga para o leste?

- Sim, até que tenhamos alcançado os dois que perseguimos. – disse Kull.

E ele se perguntou por que razão suas palavras arrancaram risadas entre os magros homens silenciosos de Grondar. O ancião-chefe também se pôs a rir, com uma estridente gargalhada selvagem, como a de um louco, cheia de fria crueldade e zombaria, terrível de se ouvir de lábios humanos.

- Neste caso, continue seu caminho, estrangeiro. Continua cavalgando... para o leste, você disse? Sim, continua, e que no final de sua viagem se cumpra a vontade dos deuses, ou a dos demônios da grande escuridão... a que for a mais forte.

A risada estridente e fria do ancião seguiu Kull quando este voltou para se unir às suas tropas. Cavalgaram em silêncio, passaram diante das tropas de Grondar e se perderam entre as brumas do meio-dia, depois que o velho lhes dirigira um último grito zombeteiro:

- Cavalguem, estúpidos, cavalguem! Porque aqueles que cavalgam além do sol nascente... não regressam jamais.

Continuaram avançando em silêncio durante toda a tarde, através do capim sussurrante, e não voltaram a ver os grondarianos. Era como se houvessem sido tragados pelas brumas e capim, ou pelo eco dos silêncios do Reino das Sombras.

Ao amanhecer do dia seguinte, chegaram diante de um grande rio que atravessava uma escura planície, como um enorme fosso a cercar um castelo dos deuses. Era uma vasta extensão de água pálida, que deslizava lentamente, e da qual brotava uma neblina baixa, enquanto o vermelho sol nascente se refletia nas águas ondulantes até fazê-lo parecer quase um rio de lava ardente. Não podiam continuar. E, no entanto, o rastro do farsuniano se perdia diretamente na margem de juncos.

Então, dentre o sol nascente, surgiu uma deslizante jangada plana que cruzava as águas de escura cor rubra, dirigida por um velho. Era velho, mas possuía uma poderosa estrutura e era até mais corpulento que o próprio Kull. Demonstrava ter uma tresnoitada fortaleza, como as ruínas de um castelo real, ao qual o passar do tempo desgastara, sem chegar a derrubar totalmente. Não era grondariano, pois seu rosto, embora magro, era pálido, e seus olhos, sob espessas sobrancelhas brancas, não eram oblíquos e amarelados como nos homens escuros de Grondar, mas formavam grandes e luminosas órbitas nas quais brilhava uma estranha sabedoria.

- Estrangeiros, querem cruzar as águas para o que há na outra margem? – perguntou, com voz profunda e serena.

- Sim, é isso o que queremos fazer. – respondeu Kull.

- Então venha, rei, pois percebo que és régio e poderoso, segundo medem os mortais o poder e a realeza. Venha... mas só, porque minha balsa só pode transportar um para o sol nascente.

Kull observou atentamente o velho da balsa.

- O que há além do sol nascente, ancião? Uma cidade?

- Não. Aqueles que atravessam as águas do Stagus deixam as cidades para trás. Nenhum homem sabe o que há além, pois este é o fim de Grondar, a parte oriental mais extrema de todos os territórios humanos, e o confim dos Sete Impérios. Além do rio não há outra coisa além da extremidade do mundo, os limites da terra.

Um murmúrio percorreu as fileiras dos Matadores Vermelhos ante estas palavras agourentas. Brule praguejou, e rogou a Kull que ficassem ali, para ele regressar e deixar que o farsuniano e a mulher passassem pelo obscuro destino que, sem dúvida, lhes estava reservado além do sol nascente. Mas Kull se mostrou inflexível.

- Se cheguei até tão longe, terminarei a busca. – disse Kull.

- Vamos, então. – disse o velho da balsa, e seus grandes olhos cinzas brilharam com uma estranha luz. Kull subiu à jangada, e o velho, apoiado numa vara, afastou a balsa da margem, na qual ficaram os guerreiros valusianos, envoltos no silêncio. Boiaram sobre as largas águas escarlates do Stagus, e as brumas do entardecer não demoraram de esconder a margem que haviam deixado para trás. Kull observou, com receio, a figura mística do ancião.

- Quem é você, ancião, dedicado a transportar os viajantes até os confins do mundo?

O homem lhe sorriu através das brechas da névoa, e sua voz soou como o trovão distante nas colinas.

- Sou da raça antiga, a que governou este continente de Thuria antes que existisse a Valúsia, o Reino das Sombras de Grondar, ou qualquer outro dos reinos que você conhece. – ele respondeu com naturalidade.

Kull experimentou um arrepio de respeito e admiração, porque a Valúsia era tão antiga quanto o tempo; a Valúsia já era antiga quando os picos da Atlântida e da velha Mu não eram mais que ilhas perdidas no mar. Um estremecimento de uma emoção mais forte que o respeito percorreu a poderosa estrutura de Kull, pois ele sabia que povos obscuros e terríveis haviam governado a Valúsia nos tempos obscuros, antes que os homens mortais chegassem àquelas terras. Entre aqueles povos, se encontravam os terríveis homens-serpente, que na verdade não eram homens, mas coisas demoníacas que se disfarçavam de humanos; aqueles seres haviam sido expulsos da Valúsia quando o reino caiu em suas mãos, mas, pelo que sabia, continuavam vivendo em lares ocultos distribuídos pelos Sete Impérios.

O velho na jangada adivinhou seus pensamentos e lhe sorriu.

- Não, rei dos homens, eu não sou um daqueles servos da Serpente. Eles também chegaram depois do governo da raça antiga. A terra era nossa há muito mais tempo, embora agora nos tenhamos nos afastado dela para regressar àquele reino lendário do qual procedíamos, ao leste, além do sol nascente. Foi exatamente do leste, sabia?... De onde surgiu o primeiro amanhecer do tempo, criado pelo grande Ka, a ave da criação, para que se estendesse pelas terras dos homens. Nós vimos o vôo de Ka, com suas asas de ébano sombreando as estrelas do amanhecer do tempo, e voltaremos a ver seu regresso pelo leste, com o sol poente do tempo, quando todas as coisas terminarem.

Além das águas escarlates do Stagus, o terreno se estendia plano e terrível, como as planícies do inferno. Kull pôs-se a caminhar por entre os retalhos de neblina, e deixou para trás a figura imóvel do ancião da balsa, que permaneceu ali de pé, alto e terrível, mirando-o com olhos luminosos, nos quais brilhava uma sabedoria sem limites, como um sonho dos tempos antigos.

O terreno deserto se elevava lentamente e formava suaves colinas. O amanhecer brilhava sobre a cabeça, mas este território misterioso, situado além do rio, estava coberto pelas névoas, e o rei nem sequer podia ver o céu que se erguia sobre ele. Continuou sua marcha implacavelmente.

E ali estavam, lhe esperando, sobre a crista de uma colina. Já não fugiram mais ao vê-lo chegar, mas permaneceram ali, de pé, em silêncio, a mulher e seu amante. Kull experimentou uma sensação de irrealidade. Tinha a impressão de haver passado eras inteiras procurando aqueles dois fugitivos, e de que eles sempre haviam conseguido escapar antes de sua chegada. Desta vez, eles permaneciam ali, esperando-o, e uma espada reluzia na mão direita de Felnar.

Kull se aproximou deles e mirou-os por entre a névoa, que formava redemoinhos a seu redor. A fúria e alegria inchavam seu coração e engrossavam-lhe a garganta.

- Finalmente, cão de Farsun! Agora já não foge!

- De fato, Kull. – disse o homem de rosto delgado e moreno, ao mesmo tempo em que dava uma gargalhada, que fez formigar a espinha dorsal de Kull com uma suspeita, como se dedos gelados a percorressem – A fuga acabou, assim como a busca! Esta farsa terminou!

Sua voz se elevou como um grito de triunfo e sua espada, ao erguê-la, relampejou com um terrível brilho de labareda verde, como se fosse uma tocha encantada. Sob a misteriosa luz esmeralda, Kull pôde ver bem a mulher... exatamente no momento em que se dissipava e desaparecia no ar, como mais um retalho de névoa, com um sorriso de mofa sobre seus traços pálidos.

- Em nome de Valka! – ele exclamou, sentindo os pêlos da nuca eriçarem – Que tipo de bruxaria demoníaca é esta?

A torturante gargalhada de Felnar retumbou a seu redor, a forma do homem se transformou numa sombra que foi ficando cada vez maior, em meio à tênue neblina, enquanto seu rosto mudava...

- De fato, foi a bruxaria, Kull, que lhe enganou para atraí-lo até o fim do mundo, onde seus deuses já não podem protegê-lo, e onde não conta com nenhuma ajuda contra minha ira.

A neblina então clareou, e Kull viu o rosto do homem. Não era um rosto, mas uma máscara de osso branco e nu! Uma caveira sem carne, que parecia sorrir com uma careta, e que se erguia sobre a estrutura de um guerreiro que possuía um corpo poderoso. Uma caveira de marfim, em cujas órbitas ocas, vazias e escuras ardiam duas línguas pálidas de chamas dançantes, que ocupavam o lugar de olhos humanos.

- Thulsa Doom!

A máscara da morte olhou-o, como um fantasma de pesadelo, daqueles poços escarlates do inferno, e a espada soltou chamas com uma radiação esverdeada que pareceu lamber os ossos embranquecidos, dando-lhes uma ilusão de vida e movimento.

- Sim, rei da Valúsia. Sou Thulsa Doom, o mais poderoso dos bruxos da terra! Na última vez que nos encontramos, lhe avisei que voltaríamos a nos encontrar... e essa hora chegou!

Uma horrível gargalhada glacial brotou dentre as mandíbulas abertas da caveira. Thulsa Doom! O mais poderoso mestre da magia negra que existia nos Sete Impérios! Em certa ocasião, ele atraíra Kull para as águas mortais do Lago Proibido, usando pra isso um truque similar a este. Kull lembrava bem da gata de Delcardes, sua antiga sabedoria e sua voz sussurrante. Graças à boa-sorte de Kull, ou à mão protetora dos deuses que haviam intervindo para salvá-lo, ele havia conseguido escapar da armadilha preparada

pelo bruxo. Mas agora estavam frente a frente, nos obscuros territórios situados no fim do mundo, onde nenhum deus podia intervir.

- Eu, que em outras épocas servi à Serpente, jurei acabar com você, cão selvagem atlante, e agora o momento chegou. Você foi um estúpido em confiar no que seus sentidos lhe ditavam... A condessa continua vivendo na Valúsia, submersa num sonho encantado, e não foi mais que um demônio de névoa do fim do mundo o que cavalgou comigo, na garupa de meu cavalo, como um fantasma brumoso que se parecia com ela, enquanto eu adotava uma forma semelhante à de um farsuniano. Mas agora já nos encontramos, Kull, e deste encontro só um dos dois voltará do sol nascente.

Lutaram ali mesmo, envolvidos pela neblina, espada contra espada, e o bruxo era forte e incansável como uma estátua de ferro negro, enquanto Kull estava cansado pelos incontáveis dias de busca, pela dura cavalgada e pelas noites sem descanso. O aço chocou contra o aço e, em cada um dos golpes que dava contra a espada de fogo verde, Kull sentia a força lhe abandonar o corpo. Os braços lhe pesavam como se fossem de chumbo, seu cérebro se desligava por causa do esgotamento, seu poderoso peito ofegava em busca de ar puro, como se estivesse lutando sob frias águas mortas a se estatelarem sobre ele, intumescendo-lhe a carne.

Percebeu então que o bruxo cadavérico lutava com uma arma mágica. Mas, apesar de tudo, continuou lutando, tirando forças de poços de fortaleza que nunca se vira obrigado a usar até então. E, enquanto ele lutava, a voz fria do bruxo ressoava zombeteira em seus ouvidos:

- Assim, Kull, lute, lute! Lute até que esgote a última gota de força que lhe resta, e caia a meus pés como uma estátua de pedra, incapaz de se mover. Porque, a cada golpe que você dá, atlante, minha espada encantada extrai a energia de seu braço e verte para o meu. E deve saber, Kull, que lute como lutar, não conseguirá acabar comigo, pois eu já morri há muito tempo, segundo a morte que os homens conhecem, e não se sabe que a vida possa morrer duas vezes.

O esgotamento pesava sobre Kull, como se ele vestisse uma armadura de chumbo sólido. Embora os retalhos de névoa fossem frios e úmidos, o suor brotava-lhe do rosto, ardendo-lhe nos olhos. Parecia ter os pulmões em fogo, e a garganta tão seca quanto uma múmia poeirenta. Seria capaz de trocar suas possibilidades de alcançar o paraíso por um bom gole de vinho tinto fresco.

E então, de algum lugar atrás do redemoinho de névoa, uma voz chamou seu nome com urgência:

- A espada, Kull! Troque de espada com o demônio! Arranque-a da mão dele!

Ele não sabia de onde podiam ter surgido aquelas palavras, mas, apesar de seu esgotamento, suas mãos exaustas obedeceram à voz, sem pensar nem por um momento. Golpeou duramente, e sentiu que a energia lhe escapava e lhe deixava quase paralisado, no momento em que a espada verde deteve o golpe da sua. Logo, fê-la dar a volta pra cima e pra fora, com aquela finta que só os bons espadachins conheciam para travar as lâminas e desarmar o inimigo... e lá foi! A espada verde saiu voando e Thulsa Doom ficou desarmado.

Através da névoa, apareceu então a figura inesperada de Kelkor, o lemuriano... molhado da cabeça aos pés, pois havia cruzado a nado o largo rio Stagus, incapaz de permitir que o rei lutasse sozinho aquele combate num terreno desconhecido. Pegou com uma das mãos a espada de fogo e lançou-a ao debilitado Kull, que agarrou-a pelo cabo e sentiu imediatamente um estremecimento de pura força que lhe percorreu o braço desde a ponta da espada. Deu uma dura gargalhada e lançou sua própria espada a Thulsa Doom.

- Você caiu na própria armadilha, bruxo! Vamos ver agora como funcionam seus truques mágicos! – ele grasnou, com a língua ressecada.

Voltaram a lutar, envolvidos por aquela neblina atemporal, mas agora a situação havia mudado completamente. A cada vez que a espada flamejante de Kull se encontrava com o aço do bruxo, uma pancada de energia fluía por seu corpo debilitado. O cansaço desapareceu de seus músculos doloridos, sua visão clareou e seu cérebro, até então nublado, ficou alerta. A pesada armadura da exaustão lhe abandonou, pouco a pouco, e ele lutou de forma extraordinária, fazendo recuar o bruxo, agora silencioso, até obrigá-lo a cair de joelhos.

Agora, foi a vez de Thulsa Doom sentir o frio hálito do destino soprar sobre sua nudez. Os seus membros brilhavam devido ao suor, ele tremia de exaustão, e seu peito se agitava, ofegante, ansioso por aspirar o ar. Por mais morto que estivesse, por mais força vital mágica que possuísse, o bruxo sentia sua vida artificial escapar, gota a gota, de seu corpo, diante do avanço implacável do atlante. Pediu socorro à Serpente, sua voz se elevou num grito agudo de enlouquecido terror, invocou os demônios que em outras ocasiões o haviam servido, mas soube, de uma forma terrível e impiedosamente definitiva, que um truque pode se voltar contra quem o utilizou primeiro, pois aqui, no Reino das Sombras, nos confins do mundo, onde nem deuses nem demônios tinham poder algum, seus demônios não podiam ajudá-lo, do mesmo modo que tampouco os deuses de Kull haviam servido ao atlante.

A luta não terminou rapidamente, mas finalmente terminou. Kull transpassou o peito de Thulsa Doom com a lâmina esverdeada. Atravessou-lhe o coração, e Kull deixou-a ali, para que absorvesse a pouca força que restava ao bruxo, enquanto a radiação verde brilhava cada vez mais, à medida que a vida se dissipava do corpo do bruxo, que foi se encolhendo lentamente, até se transformar num pequeno monte de pó cinza.

Kull deixou a espada onde a havia fincado e virou-se para apertar firmemente a mão de Kelkor.

- Pode me pedir o alto comando dos Matadores Vermelhos, lemuriano ou não. – ele disse, dando-lhe palmadas no ombro – Se consegui derrotar aqui a magia de um demônio, duvido muito que eu não possa rechaçar uma lei vazia na Valúsia.

Brule saiu a seu encontro, na margem do rio, quando ele regressou na companhia de Kelkor, depois de cruzar a nado as ondulantes águas do Stagus.

- Chegou até o fim do mundo, Kull? – ele perguntou, uma vez trocadas as saudações.

Kull soltou uma risada orgulhosa.

- Em nome de Valka, picto! Não, não o vi, mas, ao invés disso, cheguei até o fim da vida.

- Que faremos agora, Kull? Para onde nos dirigimos?

O rei esvaziou um odre de vinho, limpou a boca e soltou um grande suspiro de alívio.

- Voltaremos por onde viemos. É um longo caminho, mas o terreno se estende livre diante de nós. Segundo contam, ninguém regressou de além do sol nascente. Talvez, mas já despedaçamos outros mitos antes.

Pouco depois, a voz de Kelkor ressoou como ferro.

- Matadores Vermelhos... em frente!

E as trombetas ressoaram.

O caminho de volta para o oeste foi longo, duro e cansativo, mas finalmente terminou. E, ao final deste caminho, desta vez, se encontrava a Valúsia, o lar.